

A CRÍTICA SOCIOLOGICA

META

Apresentar as ideias que fundamentam a sociocrítica.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

compreender as características principais da sociocrítica;
conhecer os principais nomes dos teóricos da sociocrítica;
distinguir a sociocrítica da sociologia da produção e da sociedade da recepção literária.

PRÉ-REQUISITOS

Releia a Aula 4: A literatura e a realidade social.

INTRODUÇÃO

Vamos agora entrar em um campo crítico que, desde o início, merece uma explicação. Trata-se de um esclarecimento sobre a própria expressão “crítica sociológica”. Ela lembra imediatamente a sociologia e esta constitui, por si mesma, um campo do saber. Então, vejamos! Embora seja recente o uso da expressão “crítica sociológica”, a prática de leitura que lhe diz respeito é antiga. Desde o final do século XVIII, os estudos da literatura mantiveram uma relação próxima com a realidade social, cultural, enfim histórica do homem. Sempre que se faz uma interpretação da obra a partir de noções e de estruturas voltadas para a sociedade estamos diante de uma leitura sociológica da literatura. Assim, como dissemos, esse tipo de crítica é bem mais antigo do que o uso atual da expressão “crítica sociológica”. Contudo para efeito de clareza didática podemos destacar alguns pontos importantes que ficam particularizados, ou pelo menos destacados, ao longo desse procedimento crítico.

Sem pretender fazer classificações fechadas, porque incorreríamos em imprecisões ou exagero metodológico, poderíamos falar em três aspectos da crítica sociológica: a sociologia da produção literária, a sociologia da recepção literária e a sociocrítica ou, se se quiser, a sociologia do texto. É verdade que o termo sociocrítica pode ser empregado de maneira abrangente, incluindo qualquer dessas formas de estudo, mas vamos preferir utilizá-lo para indicar o último aspecto.

A primeira leva em consideração os fatores culturais, políticos, econômicos, filosóficos etc. que influenciam na elaboração da obra. A segunda toma como base o modo como a obra é lida, é recebida pela comunidade dos intelectuais e dos leitores quando é publicada, e a terceira considera as relações características da sociedade, porém, as trata dentro do âmbito da obra, isto é, não vai à realidade exterior empírica para explicar o fato literário. Atém-se à organização textual e ao imaginário do discurso, às histórias do próprio enredo para estabelecer as relações sociais da obra que está sendo lida. Nesta última, está o foco do nosso interesse para esta Aula.

Passemos agora a uma breve explicação de cada um dos aspectos acima citados da crítica sociológica.

No que diz respeito ao primeiro aspecto (a sociologia da produção literária), salientamos que a busca de explicações para a literatura no campo social, político, cultural não é de agora. A crítica literária do século XIX foi marcada por essa interferência do não literário sobre o literário. Anne Louise Germaine Necker, conhecida como **Mme. de Staël** (1766-1817) defendia a ideia de que a obra literária está submetida à história, à cultura,

Mme. De Staël

(1766 – 1817)

Escritora francesa, filha de Jacques Necker, ministro de finanças de Luís XVI. Com 20 anos de idade casou-se com o Barão de Staël-Holstein. Entendia a literatura como um produto da realidade cultural do escritor e com essa ideia influenciou o pensamento literário nos inícios do Romantismo. Seus estudos deram os fundamentos históricos e sociológicos das relações entre literatura e sociedade.

ao espírito do povo. Ela escreveu a obra *Da literatura considerada em sua relação com as instituições sociais* (1800) – mais conhecida apenas como *Da literatura* – na qual o próprio título já indica o ponto de vista em que a literatura é tomada. Outro estudioso culturalista do século XIX é **Sainte-Beuve** (1804–1869), mas ele prioriza um dado na interpretação da obra: a vida do autor. Para ele a relação entre a obra e o autor é visceral. Segundo sua visão, só é possível haver uma análise e uma compreensão adequada da obra se se averiguar a história pessoal do autor. Essa preocupação insistente com o indivíduo é a razão pela qual Sainte-Beuve é apontado como o principal biografista da crítica literária.

Outro crítico, ainda do século XIX, muito preocupado com os aspectos sociais da obra é **Hippolyte Taine** (1828 – 1893) que, diferentemente de Sainte-Beuve (1804 – 1869) não se volta para as causas individuais do autor, mas quer encontrar as origens da obra literária quaisquer que sejam elas. Para Taine essas razões devem ser buscadas na raça a que pertence o autor, no meio onde a obra é produzida e no momento histórico em que ela surge.

Quanto ao segundo aspecto – o da sociologia da recepção literária –, podemos dizer que vai tratar do modo como as obras são interpretadas pelos críticos e utilizadas pelo leitor, pelo sistema escolar, pelos teatrólogos e cineastas, enfim como a obra é recebida pelo público. Essa questão ocupou de tal modo alguns estudiosos da literatura que se criou a expressão “estética da recepção” para traduzir esse ponto de vista através do qual a literatura pode ser estudada. Os dois principais mentores dessa teoria foram os teóricos alemães **Wolfgang Iser** (1926 – 2007) e **Hans Robert Jauss** (1921 – 1997).

Para Iser, a obra literária é apenas uma série de dados lingüísticos a serem trabalhados pelo leitor. Assim, é o leitor quem realiza, quem “concretiza” o sentido através de seu ato de leitura. Iser baseia suas ideias no efeito estético que a obra causa no leitor. Para ele – seguindo o pensamento já de R. Ingarden – o texto literário é concebido como um discurso cheio de lacunas, de vazios, de não-ditos – o que torna impossível a determinação de um sentido verdadeiro, o sentido no qual o significado da obra estaria decidido; daí a indeterminação da obra. Por causa dessa indeterminação (que já era considerada em R. Ingarden), a obra precisa do leitor para um ato de concretização, que consiste em preencher lacunas, não-ditos e, com isso, faz parecer que ela é plenamente determinada. Então, sua teoria pressupõe o leitor, mas se fundamenta principalmente no texto. O leitor aqui previsto não é alguém dissociado das convenções, dos paradigmas, dos valores quer sociais quer literários, mas alguém que está contextualizado e é dentro desse contexto que vai realizar a leitura da obra.

H. R. Jauss por sua vez fala de um “horizonte de expectativa”, querendo com isso considerar o conjunto dos conhecimentos e das ideias com que uma obra literária se defronta quando é lançada ao público e pelo qual ela é

Sainte-Beuve

(1804 – 1869)
Crítico literário francês. O individualismo do seu pensamento marcado pela compreensão da obra a partir das qualidades literárias do escritor e de suas intenções o coloca na categoria dos principais biografistas da literatura.

Hippolyte Taine

(1828 – 1893)
Não considerou bom o método de Sainte-Beuve, que buscava no individual a origem de cada obra. Taine procurou verificar as causas, a gênese social da obra literária (qualquer obra). Nessa busca levou em consideração a raça, o meio e o momento.

Wolfgang Iser

(1926 – 2007)
Teórico alemão e professor de inglês e literatura comparada na Universidade de Constança. Um dos criadores da Estética da Recepção. Baseia suas ideias no efeito que a obra causa no leitor.

Hans Robert Jauss

(1921 – 2007).

Teórico alemão. Embora seja, juntamente com W. Iser, um dos mentores da Estética da Recepção sua teoria não se confunde com a deste. A base do seu pensamento é a recepção, o modo como a obra é recebida pelo leitor. Sua teoria se volta para o que caracteriza a experiência estética do leitor no que diz respeito à obra enquanto *aisthesis* (lugar de percepção, de sensação, de visão de mundo)

avaliada. Na tentativa de orientar o estudo sobre a “experiência do leitor” de um certo momento histórico, Jauss fala da necessidade de se diferenciarem dois aspectos da relação texto/leitor: o efeito e a recepção. Ele entende “o efeito, como o momento condicionado pelo texto, e a recepção, como o momento condicionado pelo destinatário, para a concretização do sentido.” (JAUSS, 1979, p. 49-50). Este sentido é tomado em duas dimensões: a dimensão da obra enquanto texto, que traz um sentido interno, aquele que está contido no próprio enunciado; e a dimensão do mundo empírico, da vivência do leitor, que pertence a um certo contexto social. Então, na concretização do sentido há dois pressupostos: o texto em seu aspecto discursivo, e a experiência de mundo do leitor. Portanto, há um envolvimento direto entre a obra e o leitor no processo de construção do sentido, tornando a leitura um elemento ativo e decisivo quanto ao lugar que a obra vai ocupar socialmente. De maneira taxativa, ele diz: “a recepção da arte não é apenas um consumo passivo, mas sim uma atividade estética, pendente da aprovação e da recusa” (JAUSS, 1979, p. 57)

Fica patente, então, a implicação da realidade social, política, filosófica, enfim cultural do mundo na crítica da recepção. Logo, o texto não é tomado apenas em sua autonomia de forma ou de estrutura lingüística, mas inclui também uma dependência a fatores externos ao campo específico da literatura enquanto organização discursiva autônoma.

Indo agora ao terceiro aspecto da crítica sociológica, podemos falar de uma sociologia encontrada dentro do próprio texto, aquela que se organiza a partir da composição da narrativa e das relações aí estabelecidas entre as várias situações diegéticas e as personagens. A essa última noção é que vamos dedicar o uso do termo sociocrítica, seguindo o pensamento de vários estudiosos. Jérôme Roger (2002, p. 107) afirma que os fundamentos teóricos da crítica intrínseca da obra literária, considerada como um produto social, são herdeiros “do pensamento de Augusto Comte e Karl Marx” e esta crítica “se preocupa com a maneira pela qual são ‘representados’, analisados ou revelados, na obra romanesca, os conflitos de uma sociedade.” Destacar a “leitura intrínseca” e o caráter representativo das tensões e dos conflitos sociais presentes na obra demonstra a preocupação de manter a crítica literária no âmbito do texto, já que a literatura, enquanto expressão de linguagem, passa necessariamente pelo texto e apenas nele se realiza. Com esse campo delimitado, evita-se que a crítica literária se desvie do seu domínio enveredando por linhas de pensamento não próprias da literatura, embora algumas, de alguma forma, possam ser aplicadas a ela.

Partindo da sociocrítica, então, podemos fazer uma leitura baseada em aspectos ideológicos, uma leitura que trata dos fatos sociais ou de fenômenos culturais, tudo isso fundamentado no texto em sua condição de lugar da linguagem. Tal procedimento crítico junta aos saberes intrínsecos alguns saberes extrínsecos à literatura. Mas atenção! Os saberes supostamente ex-

trínsecos são os fenômenos sociais que aparecem discursivizados no texto. Na verdade, esses fenômenos são tomados na obra e a partir da obra o que lhes confere uma nova natureza: a natureza de discurso. Logo, os “fatos sociais” presentes na obra são fatos da narrativa, não ultrapassam a natureza de linguagem. Então, fica marcada aqui a diferença entre a sociocrítica e as sociologias da produção e da recepção do texto literário.

Apesar de haver um espaço de trânsito comum às três perspectivas de abordagem, a sociocrítica ocupa um lugar que tem a sua particularidade. Pensando na linha de Claude Duchet, Pierre Barbéris (1997, p. 145) diz:

entre a sociologia do literário... (condições de produção do texto) e a sociologia da recepção e do consumo [...] a sociocrítica [...] visa ao próprio texto como espaço onde se desenrola e se efetiva uma certa socialidade.

Mas, como a sociologia do literário e a da recepção *stricto sensu* se revelam em parte alheias ao essencial (o que se passa no texto), a sociocrítica parece poder sem grande prejuízo, integrá-las, ainda que só no plano do vocábulo empregado.

Restringindo, na sociocrítica, a interação da literatura com o social ao “plano do vocábulo”, Barbéris preserva o lugar da sociocrítica como uma leitura assentada no texto e não nos fatores a eles externos. Por isso a sociocrítica é uma leitura que atrai campos diferentes e faz dessa confluência um lugar novo de interpretação. A sociocrítica abre a obra para o “sujeito” nela implicado (o sujeito diegético presente no próprio tecido textual) dentro de uma consciência de que todo sujeito é o resultado de relações, confrontos e entendimentos com o outro enquanto indivíduo e com o outro enquanto coletividade. Ora, indivíduo e coletividade é o que constitui o corpo social cuja dinâmica não fica restrita ao âmbito existencial, mas pode configurar-se – e realmente se configura – na estética literária enquanto objetos discursivos. Na leitura sociocrítica, ficam demonstrados os vínculos da literatura com o social, com o político, com o religioso, com o cultural bem como com o ideológico e o histórico sem que a primeira – a literatura – perca de vista a sua dimensão de texto simbólico, de discurso simbólico, de palavra poética.

A sociocrítica não perde de vista que toda interpretação é um processo semiológico de construção de sentido operado pelo homem e para o homem como ente cultural, e que o próprio texto literário enquanto escrita e criação é um ato social.

CONCLUSÃO

A crítica sociológica é o resultado da consciência de que a literatura não existiria se não houvesse a realidade social. Esta realidade não é construída por fenômenos independentemente dos discursos, das linguagens que a apresentam. A realidade é feita dos discursos, que transformam os acontecimentos em fatos sociais, em fenômenos humanos. A História, que parece a manifestação dos acontecimentos enquanto tais, na verdade é o relato deles; é o discurso que os apresenta. Desse modo, não podemos falar em História ou em qualquer fenômeno dentro dela sem contar com a presença da linguagem, veículo de toda literatura. Logo, quer se trate da sociologia da produção literária ou da sociologia da recepção, quer se trate da sociocrítica o discurso aparece como um denominador comum. Assim, não é ele que traz aquilo que particulariza cada uma das perspectivas sociológicas da crítica. É preciso buscar o objetivo da leitura, aquilo que a leitura crítica quer alcançar para se poder compreender o lugar próprio de cada uma. A obra pode ser abordada a partir do contexto histórico e cultural do seu autor, contexto esse que o levou a produzi-la nas condições literárias em que foi produzida. O que se percebe aqui é a influência do ambiente existencial do escritor ou do poeta sobre a sua obra.

Uma segunda visão sociológica é a seguinte: uma vez entregue a obra ao público, novas relações vão ser estabelecidas. Agora já não é a interação entre a obra e o autor, mas a interação entre a obra e o leitor. Ela não foi produzida para a fruição do autor – ou pelo menos não só dele – mas para a leitura do público. Estamos diante do consumo da obra e este consumo, este uso, esta leitura também tem seus determinantes naquilo que condiciona o modo como os leitores veem a literatura. Esses determinantes são o nível econômico, o nível social, os valores ideológicos, as crenças, inclusive os cânones literários ou as mudanças operadas neles etc... São duas posições diferentes pelas quais se pode trabalhar uma obra. Mas essas não definem o que procuramos chamar especificamente a sociocrítica.

No que pretendemos chamar de sociocrítica, a prioridade é dada ao texto, quer dizer, o discurso da obra é o lugar onde os fenômenos sociais são considerados. Isso significa que são tomados como fenômenos potenciais, fatos discursivos, realidade lingüística a partir da qual os acontecimentos concretos da realidade existencial podem ser pensados, refletidos, questionados. Logo o texto se torna um cenário ou um universo à parte – singularizado e de natureza própria – onde o mundo é redimensionado semiologicamente e a literatura preserva o seu lugar estético.

Depois de vermos essas várias vertentes críticas, parece que já esgotamos o assunto. Essa impressão está longe de ser verdadeira, pois muitas outras poderiam ser trazidas para cá. Todavia, estamos nesse momento apenas abrindo um leque para seus estudos nesse campo.

A fim de contribuir um pouco mais com seus conhecimentos a respeito dos estudos literários, vamos abordar na próxima Aula a crítica psicanalítica, que, como o próprio nome já diz, é baseada em alguns conceitos da psicanálise.

RESUMO

- A crítica sociológica parte do pressuposto de que a obra literária é um produto do sujeito que vive em sociedade e só nela pode constituir-se como tal.
- A crítica sociológica pode ser vista a partir de uma subdivisão: a sociologia da produção, a sociologia da recepção e a sociocrítica. A sociologia da produção leva em consideração os fatores culturais que determinam o surgimento da obra;
- Nomes importantes dos inícios dessa abordagem da literatura são Mme. de Staël, Sainte-Beuve, Hippolyte Taine
- Outra vertente da crítica sociológica é aquela que salienta o valor da recepção da obra pelo leitor. É a sociologia da recepção que se tornou conhecida com o nome de estética da recepção.
- Dentro da sociologia da recepção, destacam-se os nomes de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss como os mentores dessa corrente crítica.
- Como o próprio nome já sugere, a principal preocupação da sociologia da recepção encontra-se no leitor como alguém que está inserido em um determinado contexto social, e é a partir desse contexto que vai realizar a sua leitura e dar ao texto um sentido.
- No que diz respeito à sociocrítica – tal como a delimitamos – temos que o valor principal é dado ao próprio texto. É a partir dele que as questões sociais vão ser abordadas.
- Na sociocrítica, o interesse crítico não está nos conflitos, nos acontecimentos da realidade existencial, mas no modo como estão representados na obra. Logo todo o trabalho vai-se dar no nível do texto, do discurso, da linguagem.
- Na sociocrítica, as condições de produção do texto e sua recepção não estão em foco, pois estes aspectos escapam à natureza literária do texto. Se referências a tais aspectos são feitas, partem sempre do texto, ou seja, qualquer que seja o dado analisado, ele parte do texto e fica circunscrito ao texto.





ATIVIDADE

Releia atentamente o texto desta Aula 9 e responda com suas palavras ao que se pede abaixo:

1. Considerando que a obra literária não é um ato isolado em si mesmo, pois tem o contexto em que foi criada e também o leitor que vai consumi-la, que dimensões de interpretação podem ser encontradas na crítica sociológica? Explique cada uma delas.
2. Por que é possível afirmar-se que a sociocrítica é uma corrente intrínseca de análise literária e não se pode dizer o mesmo da sociologia da produção e da sociologia da recepção?
3. Explique em um texto de até dez linhas a seguinte afirmação de Pierre Barbéris (1997, p. 145): “A sociocrítica definida por Claude Duchet visa ao próprio texto como espaço onde se desenrola e se efetiva uma certa socialidade”.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para responder a essas questões você pode até limitar-se à leitura desta Aula. Entretanto, se ler os livros indicados nas referências, nas partes que têm a ver com cada pergunta, suas respostas serão bem melhores e o seu aprendizado do assunto terá outra qualidade.

REFERÊNCIAS

- BERGEZ, Daniel et alii. **Métodos críticos para a análise literária**: leitura e crítica. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- GONÇALVES, Magaly Trindade e BELLODI, Zina C. **Teoria da literatura “revisitada”**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JAUSS, Hans Robert et alii. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- RALLO, Elizabeth Ravoux. **Métodos de crítica literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ROGER, Jérôme. **A crítica literária**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.